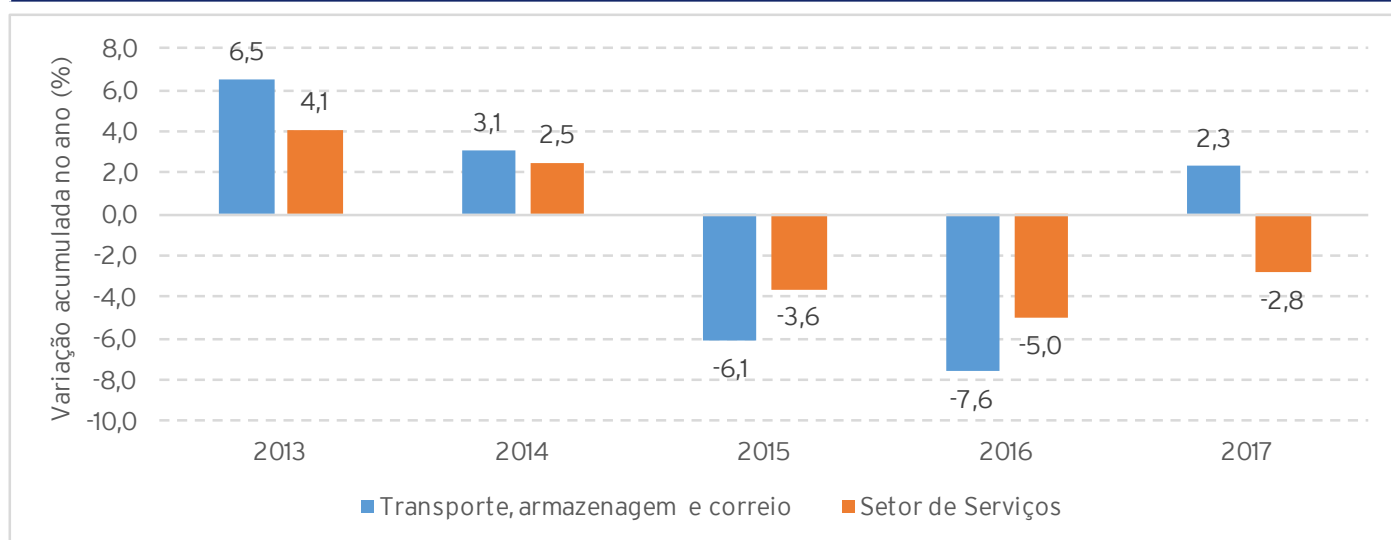


## Após dois anos consecutivos em queda, setor de transporte avança em 2017

O volume de serviços prestados pelo setor de transporte, armazenagem e correio, após dois anos consecutivos de queda (-6,1% em 2015 e -7,6% em 2016), mostrou recuperação e cresceu 2,3% em 2017 (Gráfico 1), segundo dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>1</sup>. Já o volume total de serviços no Brasil caiu 2,8% no ano passado.

Esta alta é explicada principalmente pela recuperação da atividade industrial, que é o setor mais demandante dos serviços de transporte em geral, em especial do transporte rodoviário de cargas, e também pelo bom desempenho das exportações ao longo do ano passado. Destaca-se que esse foi o primeiro aumento de um segmento de serviços desde 2014.

Gráfico 1 - PMS. Índice de volume de serviços



Fonte: Elaboração CNT com dados do IBGE.

As atividades que impulsionaram a recuperação do setor foram o transporte terrestre e o transporte aquaviário, que tiveram altas acumuladas, em 2017, de 0,9% e 17,5%, respectivamente, e também o segmento de armazenagem, serviços auxiliares e de correio, que cresceu 8,1%. Já o transporte aéreo apresentou queda de 19,4% no ano (Tabela 1).

Tabela 1 - Transporte - Índice de volume de serviços - Variação acumulada no ano (%)

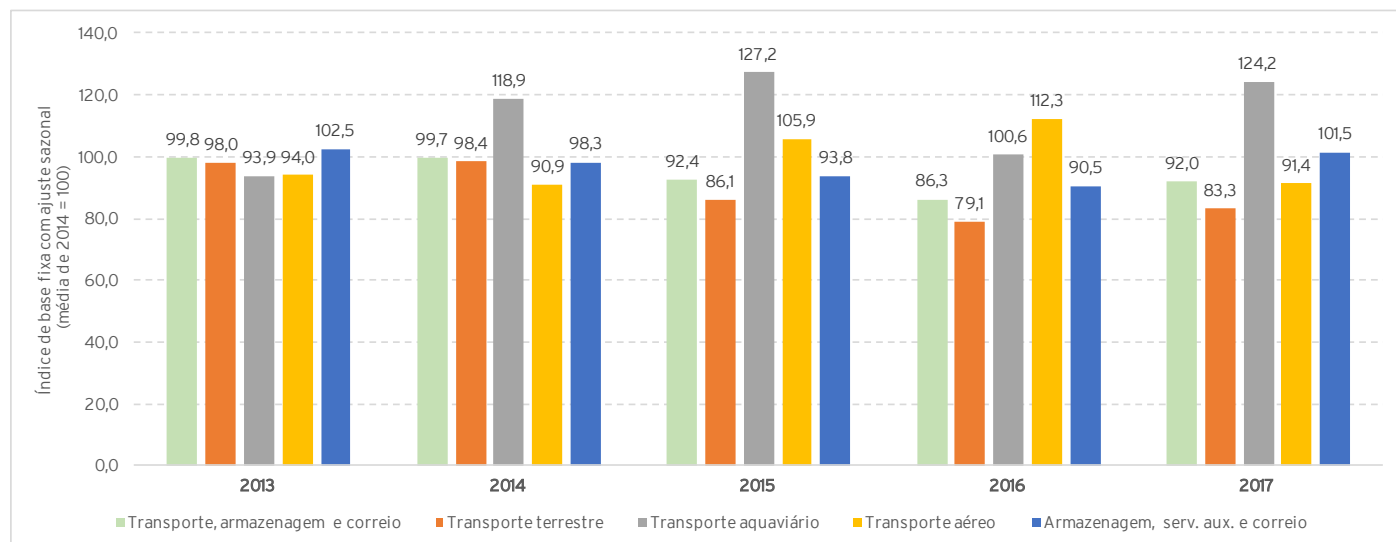
Segmentos	2013	2014	2015	2016	2017
Transporte, armazenagem e correio	6,5	3,1	-6,1	-7,6	2,3
Transporte terrestre	8,1	2,4	-10,4	-10,4	0,9
Transporte aquaviário	0,0	-3,0	17,6	-9,5	17,5
Transporte aéreo	14,2	12,3	4,3	1,3	-19,4
Armazenagem, serviços auxiliares e correio	2,6	2,9	-4,0	-4,9	8,1

Fonte: Elaboração CNT com dados do IBGE.

O transporte terrestre, que é a atividade mais relevante em termos de geração de emprego e renda e cujo principal segmento é o rodoviário, foi bastante prejudicado pela recessão econômica e ainda não recuperou o ritmo de atividade pré-crise. Após duas quedas consecutivas de 10,4% em 2015 e em 2016, o segmento registrou alta de apenas 0,9% em 2017.

Dessa forma, o volume de serviços de transporte terrestres de 2017, cujo índice foi calculado em 83,3, ficou 15,0% inferior ao registrado no final de 2013, quando era de 98,0 (Gráfico 2). A expectativa é que apenas em 2020 o setor de transporte, armazenagem e correio volte a operar no mesmo patamar de 2014, ano pré-crise<sup>2</sup>.

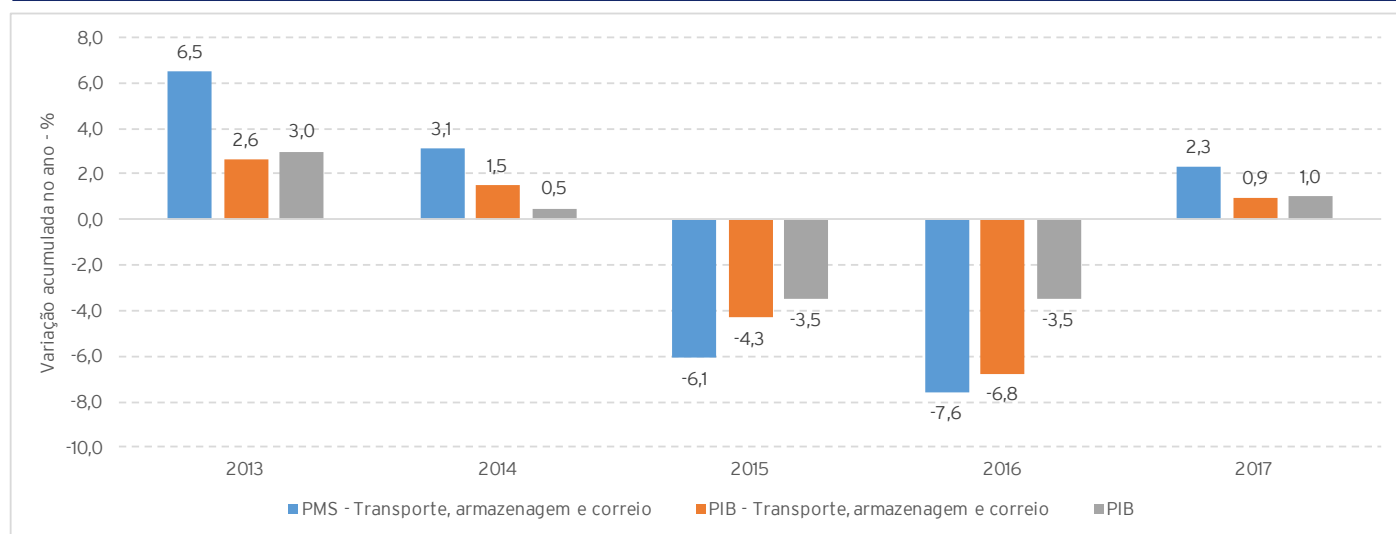
**Gráfico 2 - Transporte - Índice de Volume de Serviços**



Fonte: Elaboração CNT com dados do IBGE.

Cumpra esclarecer que a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) é apenas uma das fontes de dados das Contas Nacionais Trimestrais e, conseqüentemente, do cálculo do Produto Interno Bruto (PIB), de modo que os resultados de ambas as pesquisas não são necessariamente iguais mas seguem a mesma tendência<sup>3</sup>. Assim, o volume de serviços de transporte medido pela PMS, nas comparações interanuais, apresenta o mesmo comportamento do PIB - ou seja, quando o PIB sobe, o volume de serviços de transportes também aumenta, e vice-versa -, uma vez que o transporte faz a movimentação dos trabalhadores e das famílias brasileiras, e transporta toda a produção do país, desde os insumos mais básicos até os bens finais mais complexos (Gráfico 3).

**Gráfico 3 - Comparação entre os resultados da PMS e do PIB para o volume de serviços do setor de transporte**



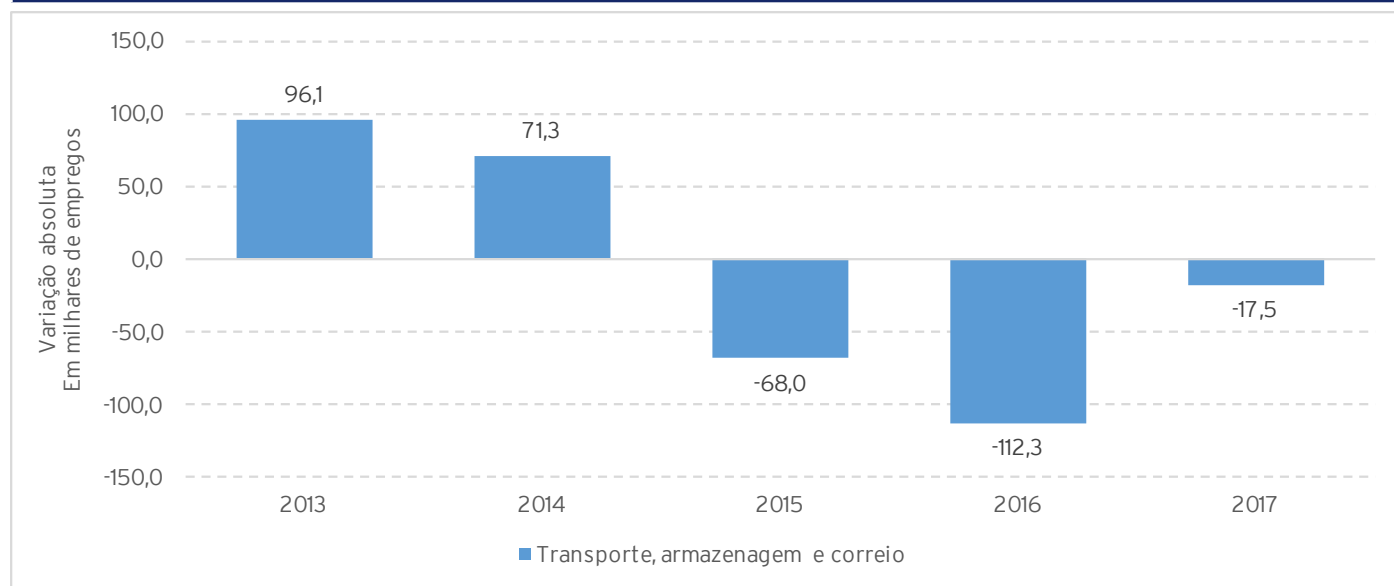
Fonte: Elaboração CNT com dados do IBGE.

Assim, verifica-se, tanto pelos últimos números da PMS quanto do PIB, que, em consonância com o desempenho da economia como um todo, está se consolidando, embora ainda lentamente, um processo de recuperação dos serviços de transporte no Brasil.

## Emprego: Setor de transporte fechou 17,5 mil vagas formais em 2017, mas os sinais são de recuperação

Os sinais da recuperação da atividade econômica no setor de transporte, armazenagem e correio também estão presentes no mercado de trabalho. Após fechar 180,3 mil vagas de empregos formais em 2015 e 2016, o setor terminou o ano de 2017 com o encerramento de 17,5 mil vagas (Gráfico 4), número que, embora negativo, simboliza uma reversão de tendência, em concordância com os dados da PMS e do PIB. Ou seja, o que ocorreu foi uma desaceleração do ritmo de demissões em 2017.

**Gráfico 4 - Empregos formais no setor de transporte, armazenagem e correio - Variação Absoluta, em milhares de vínculos**



Fonte: Elaboração CNT com dados da RAIS e do Caged<sup>4</sup>.

Com esse resultado, o setor terminou o ano de 2017 empregando 2,3 milhões de trabalhadores formais (queda de 0,7% em relação à 2016), dos quais 1,6 milhão atuam no transporte terrestre, 577 mil no segmento de armazenamento e atividades auxiliares, 64 mil no transporte aéreo e 41 mil no aquaviário (Tabela 2). Além disso, atualmente existem cerca de 450 mil transportadores autônomos de cargas no Brasil, segundo dados da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT)<sup>5</sup>.

**Tabela 2 - Empregos formais no setor de transporte, armazenagem e correio - Em milhares de vínculos**

Segmentos	2013	2014	2015	2016	2017
Transporte terrestre	1.721	1.777	1.740	1.657	1.644
Transporte aquaviário	44	46	43	43	41
Transporte aéreo	71	72	69	64	64
Armazenagem, serviços auxiliares e correio	617	630	604	580	577
<b>Transporte, armazenagem e correio</b>	<b>2.453</b>	<b>2.524</b>	<b>2.456</b>	<b>2.344</b>	<b>2.326</b>

Fonte: Elaboração CNT com dados da RAIS e do Caged.

A lenta recuperação do mercado de trabalho no setor, que terminou 2017 com uma desaceleração do ritmo de demissões, já era esperada pela Confederação Nacional do Transporte (CNT). Conforme exposto na Sondagem Expectativas Econômicas do Transportador 2017<sup>6</sup>, como existe capacidade ociosa no setor, a recuperação da atividade no curto prazo virá mais pela utilização desta do que pelo aumento do emprego. Também por isso, os investimentos em modernização e ampliação de frota estão sendo retomados gradualmente.

### Combustíveis: Vendas internas de combustíveis atingem 136 bilhões de litros em 2017, alta de 0,4% em relação à 2016

Seguindo a trajetória de recuperação da atividade econômica em geral e da atividade transportadora em específico, em 2017, o consumo de combustíveis no Brasil, após dois anos consecutivos em queda, aumentou 0,4% em relação à 2016, chegando a 136 bilhões de litros, segundo dados da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

É um número positivo, embora modesto, que também ilustra a recuperação do setor transportador, mas ainda é inferior ao volume comercializado há cinco anos (Tabela 3).

Na comparação com 2016, o consumo de diesel subiu 0,9%, o de gasolina comum aumentou 2,6% e o de etanol (hidratado e anidro) caiu 2,4%. O consumo de biodiesel aumentou 13,2%, explicado principalmente pela obrigatoriedade, a partir de março de 2017, de misturá-lo ao diesel em maior proporção<sup>7</sup>. Já o consumo de querosene pelo setor de aviação caiu 1,9% no ano passado, seguindo a queda do volume de serviços do transporte aéreo.

Tabela 3 - Vendas Internas de Combustíveis no Brasil - Em milhões de litros

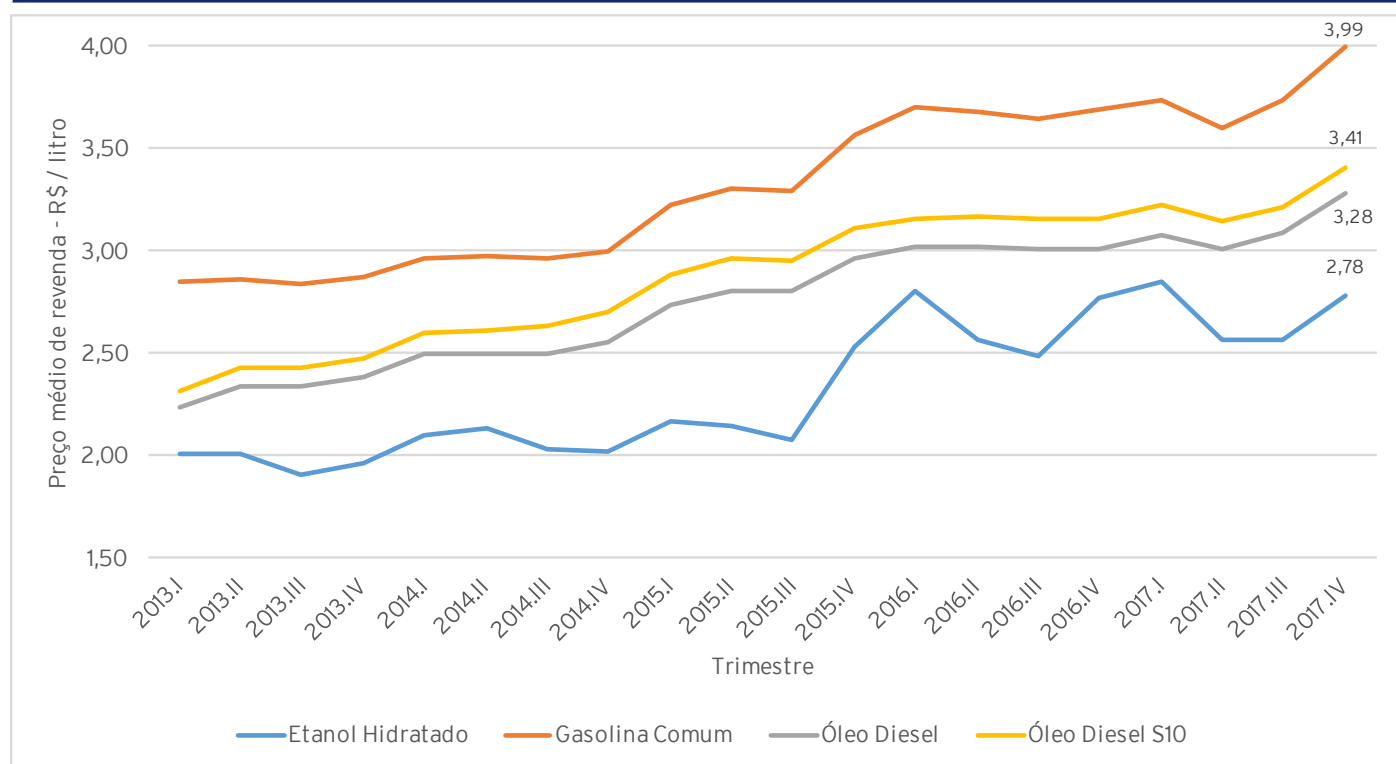
Combustível <sup>8</sup>	2013	2014	2015	2016	2017
<b>Diesel B</b>	<b>58.571</b>	<b>60.032</b>	<b>57.211</b>	<b>54.279</b>	<b>54.772</b>
Diesel A	55.643	56.621	53.206	50.479	50.470
Biodiesel (B100)	2.929	3.410	4.005	3.799	4.302
<b>Gasolina C</b>	<b>41.428</b>	<b>44.364</b>	<b>41.137</b>	<b>43.019</b>	<b>44.150</b>
Gasolina A	31.679	33.273	30.204	31.404	32.229
Etanol Anidro	9.686	11.091	10.934	11.615	11.920
<b>Etanol Hidratado</b>	<b>11.755</b>	<b>12.994</b>	<b>17.863</b>	<b>14.586</b>	<b>13.642</b>
Etanol Total	21.441	24.085	28.796	26.201	25.562
Ciclo Otto Total	53.183	57.358	59.000	57.605	57.791
GLP	13.276	13.410	13.249	13.398	13.389
<b>Óleo Combustível</b>	<b>4.990</b>	<b>6.195</b>	<b>4.932</b>	<b>3.333</b>	<b>3.385</b>
QAV	7.225	7.470	7.355	6.765	6.637
GAV	77	76	64	57	51
<b>Total</b>	<b>137.323</b>	<b>144.541</b>	<b>141.811</b>	<b>135.436</b>	<b>136.025</b>

Fonte: Elaboração CNT com dados da ANP.

*Preços dos combustíveis aumentaram consideravelmente em 2017 e a alta é explicada principalmente pelo aumento dos impostos*

Em relação ao preço médio de revenda dos principais combustíveis, verifica-se um movimento de alta nos últimos dois anos (Gráfico 5), explicado principalmente pelo aumento do preço do petróleo e também dos impostos em julho de 2017. O óleo diesel, por exemplo, que era comercializado por cerca de R\$ 2,50 o litro em 2014, fechou o último trimestre de 2017 com preço médio de revenda de R\$ 3,28 o litro. A gasolina comum, por sua vez, que era comercializada por cerca de R\$ 3,00 o litro em 2014, encerrou o último trimestre de 2017 com preço médio de revenda de R\$ 3,99.

**Gráfico 5 - Preço Médio de Revenda dos Combustíveis no Brasil**



Fonte: Elaboração CNT com dados da ANP.

Como os transportadores em geral trabalham com margens pequenas de rentabilidade e o momento atual é de recuperação da mais grave crise econômica do período recente, a pressão gerada pelo aumento dos preços dos combustíveis é muito prejudicial ao setor.

A inflação dos combustíveis comprime a lucratividade das empresas e desestimula novos investimentos e novas contratações no curto prazo.

Ademais, importante registrar que os combustíveis no Brasil são caros principalmente por causa dos impostos e ficaram ainda mais onerosos depois do aumento do PIS/COFINS em julho de 2017 - a tributação sobre o diesel, por exemplo, foi majorada em R\$ 0,25 centavos por litro, passando de R\$ 0,21 para R\$ 0,46.

Outros insumos importantes para o setor transportador, por sua vez, tiveram aumentos menores de preços e não pressionaram as margens dos transportadores tanto quanto os combustíveis. A inflação registrada para pneus foi de 0,55% em 2017, enquanto óleo lubrificante, acessórios e peças tiveram seus percentuais calculados em 0,87% e 0,83%, respectivamente. Essa relativa estabilidade de preços ajudou os transportadores a contrabalancear os efeitos negativos associados ao aumento dos preços dos combustíveis.

Tabela 4 - Itens selecionados do IPCA - Variação Acumulada no Ano (%)

Item	2013	2014	2015	2016	2017
Óleo lubrificante	2,33	7,96	8,09	2,02	0,87
Acessórios e peças	4,09	3,30	5,88	2,93	0,83
Pneu	4,18	-1,08	6,41	-0,79	0,55

Fonte: Elaboração CNT com dados do IBGE.

Para 2018, as expectativas são de que os preços desses insumos, assim como os preços dos combustíveis, permaneçam em trajetória ascendente. Assim, os transportadores esperam aumento dos custos operacionais e, conseqüentemente, ainda poderão ter dificuldade para recuperação da rentabilidade perdida com a crise econômica. Conforme revelado pela Sondagem Expectativas Econômicas do Transportador 2017, a elevada carga tributária da atividade transportadora - citada por 41,3% das empresas entrevistadas - e os preços elevados dos insumos do transporte - citados por 32,1% delas - são os principais entraves para o setor no Brasil.

### Considerações Finais

O transporte no Brasil, seguindo o comportamento da economia como um todo, está em meio a um processo modesto de recuperação de suas atividades.

Os sinais deste movimento podem ser vistos nos números mais recentes a respeito da prestação de serviços de transporte, do mercado de trabalho formal e também do consumo de combustíveis. Contudo, o setor transportador foi bastante prejudicado pela recessão econômica, de modo que a expectativa é que apenas em 2020 estará operando no mesmo patamar de 2014.

Os altos preços dos combustíveis, a elevada carga tributária sobre a atividade transportadora e a infraestrutura precária do país são os principais entraves para o desenvolvimento do setor de transporte no Brasil. Somente com a aprovação das reformas fundamentais do Estado - principalmente tributária e previdenciária - e de fortes investimentos em infraestrutura - um esforço da ordem de R\$ 1 trilhão, segundo estimativas do Plano CNT de Transporte e Logística - o Brasil será capaz de consolidar a tendência de crescimento econômica observada no período recente.

<sup>1</sup> A PMS é um levantamento realizado pelo IBGE que produz indicadores sobre o comportamento conjuntural do setor de serviços não financeiros no Brasil, excluídas as áreas de saúde e educação. Na classificação do IBGE, que é usada pela PMS e segue o padrão internacional de classificação de atividades, o setor de transporte inclui o transporte terrestre, aquaviário, aéreo e os segmentos de armazenagem, atividades auxiliares dos transportes e correio. Assim, pela necessidade de comparação dos resultados da PMS com os resultados do mercado de trabalho, a classificação do setor de transporte para fins desta publicação segue a classificação oficial dada pelo IBGE, que está contida na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE).

<sup>2</sup> Essa expectativa considera uma taxa de crescimento anual da atividade do transporte de passageiros e de cargas de 3,5% a.a. até 2020.

<sup>3</sup> No cálculo do PIB, além de diversas outras fontes de dados serem utilizadas, existem aspectos que são inerentes às Contas Nacionais que são levados em consideração, como o confronto entre a oferta e a demanda. Outra diferença entre as pesquisas é que, na PMS, há desagregação do setor em terrestre, aquaviário, aéreo e armazenagem, serviços auxiliares e correio, enquanto no cálculo do PIB a divulgação é apenas para o setor de transporte, armazenagem e correio como um todo. Para maiores detalhes, veja as notas técnicas das Contas Nacionais Trimestrais do IBGE, disponíveis em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/economicas/contas-nacionais.html>.

<sup>4</sup> Para os anos de 2012 a 2016, utilizou-se os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), que engloba todos os empregos formais e, portanto, considera como vínculos as relações de trabalho dos celetistas, dos estatutários, dos trabalhadores regidos por contratos temporários, por prazo determinado, e dos empregados avulsos, quando contratados por sindicatos. Para o ano de 2017 utilizou-se os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), que engloba apenas os celetistas, uma vez que a RAIS de 2017 ainda não foi divulgada. Contudo, essa junção de bases de dados diferentes não é problemática para a análise que se pretende, uma vez que, no setor de transporte, cerca de 99% dos trabalhadores formais são celetistas. Além disso, registra-se que o levantamento dos dados do Caged inclui tanto as declarações dentro como as fora do prazo entregues até janeiro de 2018.<sup>5</sup> Para mais informações acesse a Pesquisa CNT de Rodovias 2017 em [www.cnt.org.br](http://www.cnt.org.br).

<sup>5</sup> Registro Nacional de Transporte Rodoviário de Cargas (RNTRC). Disponível em [http://appweb2.antt.gov.br/rntrc\\_numeros/rntrc\\_emnumeros.asp](http://appweb2.antt.gov.br/rntrc_numeros/rntrc_emnumeros.asp)

<sup>6</sup> Disponível em: [http://cms.cnt.org.br/Imagens%20CNT/PDFs%20CNT/Sondagem%20Expectativas%20Econ%C3%B4micas%20do%20Transportador/sondagem\\_expectativas\\_economicas\\_transportador\\_2017.pdf](http://cms.cnt.org.br/Imagens%20CNT/PDFs%20CNT/Sondagem%20Expectativas%20Econ%C3%B4micas%20do%20Transportador/sondagem_expectativas_economicas_transportador_2017.pdf)

<sup>7</sup> 10%, conforme a Resolução nº 23, de 09/11/2017, do Conselho Nacional de Política Energética (CNPE), publicada no Diário Oficial da União de 30/11/2017.

<sup>8</sup> GLP = Gás Liquefeito de Petróleo; QAV = Querosene de Aviação; GAV = Gasolina de aviação.